

CARTAS DE ESCRITOR: NOTAS SOBRE A CORRESPONDÊNCIA DE LIMA BARRETO

Antônia Cristina de Alencar Pires

RESUMO

Este artigo aborda a correspondência de Lima Barreto numa perspectiva memorialística, buscando reconstituir, através de algumas cartas, aspectos do pensamento do escritor.

ABSTRACT

This article deals with the correspondence of Lima Barreto in a memorialistic perspective, trying to reconstitute through some letters, aspects of the author's thought.

Até meados deste século, a troca de correspondência foi uma prática comum entre artistas e intelectuais, sobretudo entre escritores. Alguns chegaram a produzir uma volumosa correspondência, como Mário de Andrade, por exemplo, cujo epistolário é atualmente motivo de diversos estudos, graças ao seu valor literário e memorialístico.

As cartas registram as relações de amizade, o cotidiano e o pensamento de seus redatores. São, portanto, parte de sua memória individual e da memória intelectual de uma época.

O escritor Lima Barreto não fugiu à regra. Desde menino revelou-se amante da correspondência. Adulto, cultivou

vigorosamente o hábito, ainda que a maioria das pessoas com quem se correspondeu vivesse na mesma cidade que ele. A distância geográfica, portanto, não foi a motivação de tão intensa prática.

Examinando as cartas de Lima Barreto, uma constatação é inevitável: o escritor foi um epistológrafo compulsivo, pois respondia a todas as cartas que recebia, quase que imediatamente ao recebimento. Cuidadoso, fazia questão de conservar consigo uma minuta da carta-resposta, a qual arquivava junto com a missiva que a originara.

A correspondência do escritor muito tem auxiliado aos estudiosos de sua obra. Suas cartas são verdadeiras lanternas iluminadoras, pois em grande parte tratam dos processos de criação e das idéias de Lima Barreto em relação ao literário e à sua própria "praxis" como escritor. Sua mão ao empunhar a pena, revelava-se ávida por compartilhar com o destinatário, um desejo, uma confiança, uma inquietação. Ao colocá-los no papel, estava aos poucos tecendo parte de sua própria história.

Em diversas ocasiões, a mesma mão teve que se mostrar inflexível, quando era necessário defender-se da incompreensão de seus contemporâneos. O tom cordial, porém, jamais deixou de existir nas cartas de Lima Barreto, ainda que estivesse mesclado, muitas vezes, a uma fina ironia.

Por se tratar de uma correspondência caudalosa (está compilada em dois volumes) e pela diversidade de pessoas com as quais Lima Barreto se correspondeu, selecionei apenas algumas de suas cartas. Meu objetivo é mostrar através delas, alguns traços do perfil do escritor como amigo, conselheiro intelectual e interlocutor crítico (não apenas de sua própria produção literária, mas da literatura em geral).

Guiada por tal propósito, destaquei as seguintes cartas:

I) de Lima Barreto:

- 1) a Antônio Noronha Santos, seu melhor e mais constante amigo;
- 2) a Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro e Veiga Miranda, três críticos da obra barretiana;

II) a Lima Barreto:

- 1) de escritores iniciantes;
- 2) do editor Monteiro Lobato.

A troca de cartas entre Lima Barreto e Antônio Noronha Santos

durou 16 anos. Das pessoas com quem se correspondeu, foi certamente ele a quem enviou o maior número de cartas.

Deve-se a Noronha Santos, em grande parte, a publicação das *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. Quando de sua temporada na Europa, em 1909, Noronha levou consigo os originais do livro e entregou-os a A. M. Teixeira, o editor português que publicou o primeiro romance de Lima Barreto.

A possibilidade de ter uma obra publicada excitava o jovem romancista. A excitação, entretanto, não embotou a consciência de Lima Barreto em relação ao trabalho literário. Muito menos alterou sua postura de escritor sem ambições comerciais.

Em trecho de uma das muitas cartas que escreveu ao amigo nesse período, (re)afirma:

Não tenho pretensão alguma de lucro com o "*Caminha*". Além de saber que um primeiro livro tem fortuna arriscada, sabes muito bem o que penso sobre essa coisa de "make money" com livros.¹

Lima Barreto confirma mais uma vez a diferença entre ele e alguns escritores da época, que faziam da literatura um meio lucrativo e um índice de "status" social. Para ele, o único fim da literatura era a arte, jamais o comércio.

O escritor enviava ao amigo e companheiro de aventuras literárias,² verdadeiras crônicas da vida cultural e política do Rio de Janeiro daquele início de século. Tomo como exemplo a carta na qual Lima Barreto descreve a visita do escritor francês Anatole France à cidade em 1909. O autor da missiva não poupa crítica ao exibicionismo provinciano dos políticos e intelectuais que receberam o visitante. Vejamos o que diz sobre o discurso de Rui Barbosa na Academia Brasileira de Letras.

O Rui falou, falou com aquela pretensão e aquela falta de visão que lhe são peculiares, durante hora e tanto... Disse que era vice-presidente do Senado e se batia pela paz universal. (T.1, p.73)

A Noronha, Lima Barreto fez confidências íntimas sobre mulheres e boemia. Algumas delas revelam passagens pitorescas, lances humorísticos, como este:

Passaram pela mesa duas francesas e no fim da noite a Marieta Bicicleta. Tu a conheces? Eu não a conhecia e lá fui falando em bicicleta. Foi uma "gaffe", e passou. (T.1, p.75)

Fez também desabafos sobre o silêncio da grande imprensa em relação ao seu trabalho:

É esta a minha sina: ser anunciado e escrever em jornais pouco lidos. (T.1, p.98)

Com Antônio Noronha Santos, nosso escritor dividiu um pedaço significativo de sua vida, metamorfoseando em escrita sua inquieta e angustiada existência de observador sensível do mundo e dos homens.

Medeiros e Albuquerque foi quem primeiro se pronunciou sobre as *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, logo após o lançamento do livro. O crítico deu a linha dos comentários posteriores que se faziam ao romance. Classificou-o um "mau panfleto" e um "mau romance", por ser, em seu modo de ver, um "roman à clef" __ gênero considerado menor. Lima Barreto discordou do crítico e escreveu-lhe, procurando mostrar que escrevera uma obra para durar, e não apenas um panfleto satírico, apesar das personagens terem sido concebidas em forma de "charges". Diz o escritor:

Na questão dos personagens há (ousou pensar) uma simples questão de momento. Caso o livro consiga viver, dentro de certo prazo ninguém mais se lembrará de apontar tal ou qual pessoa conhecida como sendo tal ou qual personagem. (T1, p.198)

Ao gramático, historiador e crítico João Ribeiro, Lima Barreto escreveu uma irônica e interessante carta, na qual toma o partido de sua personagem Edgarda, do romance *Numa e a ninfa*. A carta demonstra a preocupação de Lima Barreto com a razão de ser de suas personagens. O escritor procurava, sempre que possível, esclarecer que suas criações estavam longe de serem meras gratuidades satíricas.

Dizendo-se "discípulo" de João Ribeiro, visto ter estudado quando criança na gramática do "mestre" e ter lido na adolescência sua *História do Brasil*, além de seus artigos publicados na *Revista Brasileira*, Lima Barreto aponta o abismo entre as idéias do crítico e as suas, ao aludir, sutilmente, à diferença da idade entre os dois.

Em seu artigo, João Ribeiro denomina a personagem

barretiana como "velhaca", cobrando do autor a falta de princípios morais de Edgarda. O escritor mostra ao crítico o quão teria sido incoerente se tivesse criado uma Edgarda diferente, nos moldes de uma heroína de Ibsen:

Se eu a fizesse assim, teria fugido daquilo que o senhor tanto gabou em mim: o senso da vida e da realidade circundante. (T.2, p.32-33)

O escritor lembra ainda a João Ribeiro que a personagem tinha atenuantes a seu favor, pois era

(...) vítima de uma porção de influências sociais, de terrores em tradições familiares. (T.2, p.32-33)

As considerações de Lima Barreto indicam que o famoso gramático fora um leitor desatento de seu romance.

Veiga Miranda, crítico do *Jornal do Comércio* de São Paulo, escreveu sobre a 2ª edição das *Recordações do escrivão Isaías Caminha* um artigo no qual salientou, uma vez mais, a questão panfletária do romance. Percebendo que, apesar de oito anos passados, o livro ainda continuava incompreendido pela crítica, Lima Barreto escreveu uma carta tão eloqüente ao crítico, que este resolveu responder ao escritor também por carta. Confessou não ter lido de fato o livro e admitiu ter feito a crítica baseado em impressões de terceiros.

O romancista enviou-lhe, então, um exemplar do livro e novamente Veiga Miranda escreveu sobre a obra. Suas críticas, entretanto, são extratextuais, uma vez que discutem aspectos extrínsecos ao texto. O crítico vê o sonho de Isaías de ser doutor, como um "erro" do escritor já que "faltam braços na agricultura para o trabalho". Outro "erro" de Lima Barreto teria sido quanto ao tema do preconceito racial presente no romance. Segundo Veiga Miranda, não havia preconceito de cor no Brasil. A primeira afirmação do crítico corrobora justamente a discriminação racial e social. Se Isaías não fosse mulato e pobre, certamente não lhe seria indicado, pelo crítico, o lugar de trabalhador braçal.

Percebendo a contradição de Veiga Miranda, Lima Barreto elabora argumentos que põem a nu o preconceito do crítico. Sobre a questão dos mulatos quererem estudar, afirma o escritor:

É preciso que a coisa seja temperada e os de modesta extração não sejam todos eles destinados aos duros ofícios (...) (T.2, p.22-23)

E finaliza a carta com uma pergunta contundente, na qual mostra que havia, sim, um *apartheid* racial no país:

Por que aí em São Paulo e em Campinas também, há sociedades de homens de cor? Hão de ter surgido devido a algum impulso do meio (...) (T.2, p.22-23)

Enquanto a crítica e os escritores veteranos recebiam com indiferença ou restrições as obras de Lima Barreto, alguns escritores iniciantes viam com interesse e simpatia as posturas de nosso escritor. Muitos desses neófitos se acercaram de Lima Barreto, buscando trocar idéias com ele. Dois deles mantiveram uma intensa correspondência com o romancista: Enéias Marcondes Ferraz e Jaime Adour da Câmara. O primeiro era considerado, entre os iniciantes, um dos mais talentosos. O segundo chegou a participar do movimento modernista, dirigindo o Suplemento Antropofágico do *Diário de São Paulo*.

Enéias Ferraz se mostra um leitor assíduo e entusiasmado de Lima Barreto. Essa assiduidade é declarada em muitas cartas: "...continuo a ler as suas coisas...", (T.2, p.235) "...não me deixes, pois, de enviar as tuas 'Histórias e sonhos' e o famoso 'Isafas Caminha'." (T.2, p.237). Ao amigo pede conselhos: "...mande-me, pois, alguns conselhos de literato experiente como tu és." (T.2, p.237). E solicita uma crítica sincera e justa sobre seu primeiro romance, *Histórias de João Crispim*:

(...) corra-lhe as páginas e escreva para algum pasquim uma de tuas brilhantes críticas, e isto, note bem, meu velho, sem sacrificar teu ponto de vista e opiniões; dentro das batalhas intelectuais eu aceito tudo; ... uma vez que haja espírito de justiça. Como eu te considero um dos primeiros romancistas cariocas do dia, o que escreveres a respeito do "João Crispim" ser-me-á da máxima importância. (T.2, p.240)

O personagem que empresta o nome ao título do romance, vale informar, é baseado no "personagem" Lima Barreto. O jeito de ser e de viver do escritor fez Enéias Ferraz enxergá-lo como um personagem interessante, digno de habitar as páginas de um romance.

O escritor respondia ao jovem amigo com modéstia e da maneira mais afável possível, chamando-lhe de Ferrazinho.

Por volta de 1919 iniciou-se a correspondência entre Jaime

Adour da Câmara e Lima Barreto. O futuro modernista se mostrava tão admirador do escritor carioca quanto Ferraz. A literatura barretiana parecia fascinante e modelar aos olhos de Adour. Uma de suas cartas contém uma preciosa informação sobre a recepção da obra de Lima Barreto fora do Rio de Janeiro:

(...) sua obra de dia para dia cresce no conceito de todos aqueles que sabem prezar o que, ainda, se escreve neste país. Aqui (em Natal), pelo menos, ... o seu nome é acatado e admirado por todos. É raro intelectual ou simples leitor que não conheça o maravilhoso "Triste fim de Policarpo Quaresma", -- que não cita em "rodas" de palestra, a todo tempo, como modelo real, perfeito, um ou outro personagem de suas produções. (T.2, p.157)

Lima Barreto em muito contribuiu para a ampliação do campo de leituras de Adour. Enviou-lhe livros e fez-lhe recomendações. Aconselhou-lhe a leitura dos autores russos, os seus prediletos (ainda pouco lidos no Brasil):

Leia sempre os russos. Dostoiewski, Tolstói, Turguevieff, um pouco de Górkí, mas sobretudo o Dostoiewski da Casa dos mortos e de Crime e castigo. (T.2, p.163)

Incentivou a escolha de Adour pela carreira literária e a sua transferência para o Rio. Em seguida, em São Paulo, o rapaz incorporou-se ao grupo de Oswald de Andrade.

Durante quatro anos, entre 1918 e 1922, Lima Barreto e Monteiro Lobato se corresponderam com freqüência. Nas cartas, além de negócios, discutiram questões literárias e trocaram recortes de jornais. O escritor paulista, também editor, foi responsável pela publicação de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o último romance de Lima Barreto publicado quando o autor ainda vivia.

O autor de *Urupês* foi um dos poucos nomes de peso a perceber que Lima Barreto havia inaugurado uma nova forma de romance. Entre outras coisas, destaca que a minúcia das criações barretianas "congrega equilibradamente o desenho dos tipos e a pintura do cenário" (T.2, p.48) e ressalta a nova linguagem praticada pelo escritor carioca, "facílmo na língua, engenhoso,

fino..." (T.2, p.49)

Em 1918, Monteiro Lobato convidou Lima Barreto para ser colaborador da *Revista do Brasil*, da qual era editor. O criador do *Jeca Tatu* faz o convite nos seguintes termos:

A "Revista do Brasil" deseja ardentemente vê-lo entre seus colaboradores. ...ela clama por gente interessante. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõeszinhas de "toilette" gramatical que inutiliza metade de nossos autores. (T.2, p.50)

A colaboração firmou-se e alguns contos de nosso escritor foram publicados pela *Revista*. Essas foram as únicas publicações com as quais Lima Barreto obteve algum dinheiro, sem falar, é claro, no romance a que nos referimos, editado em 1919 pelo mesmo Lobato. Uma parte das obras do escritor foi custeada por ele mesmo: *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a ninfa*, a 2ª edição das *Recordações do escrivão Isaias Caminha*.

A correspondência entre o editor e o escritor são um valioso testemunho do início da profissionalização editorial no Brasil. Não que não houvesse ainda essa atividade. Havia, mas de forma precária. O relacionamento entre editores e editados se dava mais em função da amizade e da simpatia recíprocas, além, evidentemente, da posição social ocupada pelo escritor. Monteiro Lobato preocupou-se com a questão do pagamento dos direitos autorais, com a melhoria das condições de edição e com a comercialização dos livros, fatores não levados em conta antes dele.

Os originais de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* foram imediatamente aceitos por Monteiro Lobato, que só não concordou com o título por considerá-lo "pouco comercial", uma vez que "à primeira vista, parecia tratar-se da biografia de um ilustre desconhecido, o que afasta o interesse das pessoas" (T.2, p.78), afirmou o editor.

Os originais de *Clara dos Anjos*, entretanto, foram recusados por Lobato. O fracasso comercial do romance anterior parece ter sido o motivo da recusa. O editor, entretanto, não declarou isso abertamente ao escritor. Na última carta que lhe escreveu, a certa altura, acaba por afirmar que é "mister mudar, não apenas editar"

(T.2, p.81). A desculpa dada por ele a Lima Barreto foi de que a agenda editorial estava completa para aquele ano. Outra motivação para a recusa, segundo Francisco de Assis Barbosa (biógrafo de Lima Barreto), teriam sido os constantes comentários, nas rodas literárias, sobre a decadência física e mental do escritor. Tais comentários teriam pesado na decisão de Monteiro Lobato.³

Lima Barreto desempenhou durante sua trajetória, um importante papel na literatura brasileira, com suas propostas de ruptura com o "cânon" literário da "Belle Époque" e com o modelo estilístico-gramatical da época. Contribuiu, ainda, para a construção de um novo tipo de intelectual -- aquele envolvido com os rumos políticos e sociais do país e com a questão da cidadania, uma de suas mais caras preocupações. De seu pensar estético e crítico, também fazia parte a preocupação com a preservação das tradições culturais populares -- como o folclore e o imaginário popular -- os quais, posteriormente, também viriam a fazer parte do ideário modernista, sobretudo no trabalho de Mário de Andrade.

A correspondência do escritor com outros personagens da cena intelectual do início do século atestam aspectos de seu pensamento e de seu posicionamento diante do mundo. Fora do centro, falando sempre das margens, Lima Barreto mostrou ser possível pensar fora dos modelos estabelecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARRETO, Lima. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1956. Tomos 1 e 2.

NOTAS

¹ BARRETO, L. *Correspondência*. T.1, p.69. Os excertos seguintes terão a notação bibliográfica indicada no próprio corpo do texto.

² Lima Barreto e Antônio Noronha dos Santos fundaram junto com outros intelectuais a revista *Floreal*, em 1907.

³ Cf. notas à correspondência entre L. Barreto e M. Lobato. T.2, p.82-84.